

T
E
R
R
O
R
B
R

TUDO QUE É VERMELHO



UM CONTO DE NATAL



DARK

PAULA FEBBE

VOLUME

3

VOMITOU VERMELHO,
ASPIROU VERMELHO.



DARKSIDE



UM CONTO DE NATAL
DARK



FOR
PAULA FEBBE

UM CONTO DE NATAL
DARK

TUDO QUE É VERMELHO

PAULA FEBBE

Só naquela noite ela já havia comido três batons — um vermelho tomate, um vermelho cereja e um vermelho quase rosa. Também havia ingerido dois esmaltes: “Paixão” e “Doce Pimenta”. Estava com o estômago bem enjoado, mas sentia-se satisfeita e feliz. Era a dualidade da ironia que a acompanhava há muito tempo. Os dentes ainda não haviam sido escovados da caca consumida e guardavam, entre eles, o óleo, a cor e a falta de compatibilidade entre visão, cheiro e gosto dos objetos.

Ela havia acordado dizendo que hoje não o faria, pois ontem já havia vomitado os esmaltes “Vermelho Cereja” e “Fogo”. Só que o fez. Brigou com o chefe, mais cedo, e o fez. Sempre era mais forte do que ela. Sempre era pior quando se desentendia com alguém. E agora eram férias coletivas daquela empresa que a fazia trabalhar até dia 24 de dezembro (24 DE DEZEMBRO!!!). A questão é que nada se resolveria durante um bom tempo. Simplesmente não se resolveria. Isso aumentava a ansiedade e toda a vontade de resolver as coisas dentro de seu estômago.

O problema é que, apesar de sua satisfação esofágica, a situação naquele momento estava um pouco fora de controle. Ela estava trancada, com sua bolsa, no banheiro da festa de família. Ceia. De Natal. E em quatro, três, dois segundos, ao revirar suas coisas pós alívio do vício, percebeu o esquecimento do que deveria estar lá para limpar as provas de seu desequilíbrio. Nada de pasta de dentes. Havia acabado pela manhã e no dia anterior, a escova (quase) deu conta do recado. Mas agora todos perceberiam. A escova não seria o suficiente. Para piorar, um dia antes, ela havia tirado o kit higiene da bolsa, também composto por acetona para fazer gargarejo, e esquecido de o colocar de volta. Ficou tudo na pia do banheiro de casa. Coincidência? Ou seria autossabotagem? Um pedido desesperado para que aquilo terminasse de uma forma ou de outra?

E agora... Como tiraria o batom e o esmalte (não pertencente aos dentes) da boca?

Não demorou muito para que alguém batesse na porta e perguntasse se estava tudo bem. Com a língua embolada, ela gritou só com vogais, um tímido “tudo bem”. Ouviram, consentiram. Vai ver achavam que era algo que atormentava seus intestinos.

Porém algo... algo aconteceria logo. Não iria ficar assim. Ninguém iria deixá-la trancada no banheiro a noite toda. Quando pensava na intromissão daquela família em especial, tinha certeza que teria pouco tempo. Muito pouco tempo.

Tia Margarete seria a primeira. Ia se lembrar de quando ela comeu as luzinhas vermelhas da árvore de Natal em 1989. Que foi parar no hospital e acabou com a noite da família inteira. Ainda assim, a lembrança que ela tinha era a dos caquinhos de vidro penetrando suas bochechas como peixinhos fugindo da água fervente, entrando no gelado do tofu. Abraçando sua boca como o conhecido sangue da placenta de sua mãe. Cortes agudos e quentes. Algo familiar no desespero do outro e em sua calma.

Começou a pensar em como sair dali sem ser notada. Não havia resposta pronta. Tinha que pensar rápido, muito rápido. Lembrou do chefe, lembrou da briga, lembrou que amava o chefe casado que nunca teria

por completo. Lembrou do caso entre os dois, que carregava o clichê do vermelho da paixão, pois ele amava quando ela usava um batom daquela cor e deixava marcas onde era difícil da discrição alcançar. Mas após o coito. Após, entrava no chuveiro e lavava o vermelho com toda força para se livrar de qualquer prova de ainda ter alguma vontade de vida dentro dele. Ela se lembrou de como se sentia ao deixar as marcas no corpo dele. Lembrou, também, de como se sentia ao ouvi-lo esfregá-las.

Ela, então, lembrou daquele ano, lembrou que muito pouco havia dado certo. Lembrou das perguntas sobre sua vida particular feitas pela família nos anos anteriores. Pensou na brincadeira do “pavê”. Pensou que preferiria comer algo vermelho à carne branca do peru.

Na urgência do desespero, com a boca melada de batom e esmalte, experimentou uma vontade profunda, mais profunda do que todas as vontades que já havia tido somadas. Pensou na sensação das luzinhas do Natal em 1989 dentro de sua boca. Sua mãe, desesperada, tirando cacós com a mão. Ela, de boca aberta e satisfeita, sem saber o que havia feito de errado.

E agora, adulta, com a dor, com o desespero, com a vontade de se livrar da meleca, com mais vontade de vermelho, mordeu seu próprio pulso. Mordeu tão profundamente que o sangue de uma artéria esguichou no espelho do banheiro e fez de todo o banheiro, seu corpo.

O vermelho dos batons e o vermelho dos esmaltes se misturaram ao sangue que saía diretamente para o chão, pingando, motivado por seu pontiagudo canino. Um pulso, depois o outro. Os dois juntos. Lambuzando de vermelho toda a raiva que sentia por não ser nada do que queria.

Quanto tempo leva para uma pessoa morrer depois de cortar os pulsos?
la estragar outro Natal da família.

Tia Margarete ia ficar puta.

Ainda mais nervosa, e quase inexistente, o enjoo cresceu. Vomitou vermelho. Aspirou vermelho.

Quando não conseguia mais se mexer, lembrou do chapeuzinho. O chapeuzinho do Papai Noel. Aquilo que a acolheu e ela botou na boca quando ainda não sabia nem mesmo falar. Ela lembrou. Era isso,

isso era ela. Havia sido isso. Segurada no colo, no shopping. Abraçada pelo vermelho do traje do homem que a segurava. Sua mãe ainda tinha a foto. Mostrava para toda a família, todo Natal, e anos após ano eles riam de seu rosto.

Na foto, ela estava chorando, e estava chorando, pois os pais a haviam proibido de comer o vermelho do chapéu do funcionário do shopping. Era sujo. Uma pena. A sujeira era tudo o que ela queria.

Vomitou vermelho, aspirou vermelho.

Morreu mais vermelho ainda.

Quando acharam o corpo, tia Margarete ficou nervosa.

Agora havia mais coisa para lavar de sua boca colorida.

PAULA FEBBE estudou roteiro no Goldcrest Production Theater, em Nova York, e psicanálise no Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP), em São Paulo. Autora de sete livros de ficção sobre perversão e psicose, a escrita brutal e expositiva dos dilemas humanos é uma de suas marcas registradas. Paula recebeu diversos prêmios com o filme *5 Estrelas*, que coescreveu com o diretor Fernando Sanches, com o filme chegando a finalista também do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. O filme fez parte da seleção oficial do festival LABRFF, de Los Angeles e do Festival FANTASPOA, em 2020, mesmo ano em que Paula roteirizou a obra *Fetichê*, de Heitor Dhalia, criado em colaboração artística com a autora e inspirado em livro de autoria dela. *Vantagens que Encontrei na Morte do meu Pai* é seu primeiro livro publicado pela DarkSide® Books.

UM CONTO DE NATAL
DARK



DARKSIDEBOOKS.COM